

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2025**

**A CONSTRUÇÃO DA GUIA PELA FIGURA DE BEATRIZ NA *DIVINA COMÉDIA*
MODELADA PELA FIGURA DE ATENA NA *ODISSEIA***

**THE CONSTRUCTION OF THE GUIDE BY THE FIGURE OF BEATRIZ IN THE
DIVINE COMEDY MODELED BY THE FIGURE OF ATHENA IN THE *ODYSSEY***

¹Francisco de Paula Gama Bisneto

²Prof. Dr. Liebert de Abreu Muniz

RESUMO

As personagens de Atena e Beatriz foram escolhidas minuciosamente, já que ambas compartilham o papel da guia e da musa dentro das obras *Divina Comédia* com as traduções de Xavier Pinheiro (2017) e *Odisseia* do Carlos Alberto Nunes (2015). Mesmo que as duas possuam construções históricas e características muito distintas, ainda carregam certas semelhanças. Então, visando as idealizações dessas personagens, surgiram as dúvidas de como se relacionam as semelhanças e diferenças entre as imagens de ambas. Deste modo, teoricamente nos servimos da intertextualidade e da constituição retórica, além da própria construção literária do modelo épico para essa investigação. Como o gênero épico é compartilhado por Dante e Homero, a investigação seguiu pela linha constitutiva do gênero. Por fazerem parte dos modelos clássicos e renascentistas observamos que a forma de idealizar os guias seguem alguns padrões e um dos mais significativos é o uso do corpo para essa construção, recurso este característico do Clássico e do Renascimento. Então, o primeiro ressalta o belo enquanto o segundo prioriza o divino. Sendo assim, os autores aqui citados foram selecionados com base nos estudos acerca da intertextualidade e discussões literárias clássicas. Desta forma, os trabalhos de Perutelli (2010), Fowler (2019), Achcar (1994), Platão (1980) e Aristóteles (2004) são visitados pela pesquisa. A partir dessas instigações, consideramos que as

¹ Francisco De Paula Gama Bisneto (UFERSA) francisco.bisneto45362@alunos.ufersa.edu.br

² Liebert de Abreu Muniz Professor do departamento de letras da universidade rural do semi-árido(UFERSA)

musas não são personagens propriamente postas nas obras de forma aleatória, mas sim são, em nosso caso particular, recursos literários do modelo épico, além de carregarem um indispensável papel para que os protagonistas tenham êxito em suas jornadas. Por estarem em sintonia com essas características, Atena e Beatriz carregam relevâncias cruciais para o desenvolvimento da *Divina Comédia* e da *Odisseia*.

Palavras chave: Representação. Idealização. Musa. Guia. Característica.

ABSTRACT

The characters of Athena and Beatrice were carefully chosen, as they both share the role of guide and muse in the works *Divine Comedy*, translated by Xavier Pinheiro (2017), and *Odyssey* by Carlos Alberto Nunes (2015). Even though the two have very distinct historical backgrounds and characteristics, they still bear certain similarities. Therefore, aiming at the idealizations of these characters, questions arose as to how the similarities and differences between their images relate. Thus, theoretically, we used intertextuality and rhetorical constitution, in addition to the literary construction of the epic model itself, for this investigation. Since the epic genre is shared by Dante and Homer, the investigation followed the constitutive line of the genre. Because they are part of the Classical and Renaissance models, we observed that the way guides are idealized follows certain patterns, one of the most significant being the use of the body for this construction, a resource characteristic of the Classical and Renaissance periods. Thus, the former emphasizes the beautiful, while the latter prioritizes the divine. Therefore, the authors cited here were selected based on studies of intertextuality and classical literary discussions. Thus, the works of Perutelli (2010), Fowler (2019), Achcar (1994), Plato (1980), and Aristotle (2004) are explored in this research. Based on these insights, we consider that the muses are not characters randomly placed in the works, but rather, in our particular case, literary devices of the epic model, in addition to playing an indispensable role in the protagonists' success on their journeys. Because they align with these characteristics, Athena and Beatrice carry crucial relevance to the development of the *Divine Comedy* and the *Odyssey*.

Keywords: Representation. Idealization. Muse. Guide. Characteristic.

INTRODUÇÃO:

Este trabalho tem um foco na literatura clássica e renascentista e faz uma análise sobre duas personagens icônicas dessas correntes literárias. A partir disso, a análise deste trabalho se baseou em discussões que passam por Platão e Aristóteles acerca da construção do ideal e poética para o papel da guia, visando as imagens de Atena e Beatriz e como essas se comportam em relação às suas idealizações representadas nas obras em que estão presentes, dito isso existe uma investigação nos momentos iniciais da guia e como essa figura instiga os protagonistas para partir em suas jornadas. Deste modo, há uma investigação sobre essas idealizações e sobre as personagens em seus diversos níveis de atuação, assim enriquecendo discussões sobre a

literatura clássica e renascentista, intercalando essa visão geral entre essas personagens ao mesmo tempo semelhantes e distintas em suas mais diversas formas e essências. Então, ao observar as histórias e mitos, onde a deusa Atena é representada principalmente na *Odisseia*, traçamos uma percepção minuciosa sobre quem é esta personagem e como ela se comporta nas diversas idealizações que lhe são atribuídas e também visando todos os seus títulos e regalias como uma deusa. Contrapondo a isso, temos a imagem de Beatriz escolhida devido ao seu papel como a guia de Dante e uma figura quase religiosa na *Divina comédia*, mesmo sem as faces míticas dos títulos militares, artísticos, culturais quanto à deusa Atena, Beatriz ainda se assemelha a deusa grega, pois nos contextos na qual a mesma é apresentada sempre deixa pistas e rastros de sua interação com o “celestial” até o momento chave, em que Dante encontra-se com ela no purgatório e a Beatriz por si encarrega-se do papel de guia até o paraíso.

A deusa Atena possui um papel importante na literatura clássica como a divindade que é, pois na própria *Odisseia*, a deusa reclama e argumenta com Zeus o pai de todos da necessidade de fazer com que Ulisses retornasse para Ítaca devido a sua honraria. Como uma figura bélica e imponente a deusa representa uma imagem política como no mito de Orestes. Assim, a nobre divindade demonstra sua plena autoridade como deusa da justiça; nesta mesma história a deusa é construída a partir do papel da justiça, pois Atena está como a juíza do caso de Orestes.

Beatriz por sua vez é a bela de Dante. Em sua história e jornada Beatriz é sempre idealizada como “O caminho que leva ao paraíso”. Então, o personagem Dante é instigado a enfrentar as ásperas estradas do inferno e do purgatório viajando com muitos questionamentos filosóficos e guiado ao céu por seus guias.

Mesmo que as duas personagens possuam papéis distintos em suas obras, ambas possuem representações sobre a imagem do ideal, o papel que representam ou que tomam em certos momentos ou obras distintas. Considerando Atena como uma deusa guerreira e Beatriz como a força precursora para Dante vencer o inferno e o purgatório, o que existe em semelhança nas duas acaba por ser as idealizações que carregam em suas imagens e o modelo do ideal representado nos papéis em que ambas as personagens se propõem nas obras, ressaltando que a deusa Atena se engaja em diversos papéis, como juíza no mito de *Orestes* e no *Banho de Palas* por Calímaco entre outras, desta forma desenvolve uma curiosidade sobre as diversas maneiras que a deusa é representada.

A partir desses parâmetros, o presente trabalho busca questionar quais os papéis de representação para essas personagens com ênfase na idealização do papel da guia celestial. Então, essas diferenças sutis podem variar, tendo em vista a posição dessas personagens dentro

das obras analisadas. Em virtude dessas discussões, esse trabalho busca contribuir com as observações sobre as características literárias de idealização da musa, quanto investigar as sutilezas que tornam algumas representações ideais e visando algumas discussões platônicas.

Com isso podemos afirmar que o trabalho seguirá investigando o texto e os moldes discursivos das obras, junto à construção das guias. Então, a partir da abordagem de *Francisco Achcar*(1994), a pesquisa seguirá com um viés qualitativo observando cada aspecto que dará ao trabalho um entendimento acerca da idealização da guia e sua caracterização como musa, visando Atena e Beatriz, esses níveis de representações podem ser entendidos como formas de elucidar as possibilidades dos diversos meios das manifestações dessas personagens em suas obras e mitos, sempre tratando o conceito das relações discursivas.

Sendo assim o papel da guia será observado a partir das obras da *Divina Comédia* e *Odisseia*, visto que Dante e Homero partilham do modelo épico. Desta forma, como o esse gênero é partilhado por ambos, podemos ressaltar que os recursos literários são os semelhantes, são, contudo, construídos a partir dos seus períodos históricos, visando as principais obras aqui em análise a *Divina Comédia* e a *Odisseia*, desta forma os períodos aqui ressaltados são o clássico e o renascimento, ainda que alguma técnica similar se mantenha podemos analisar como ambos os autores constroem suas artes.

Dentro das nossas observações podemos notar que as implicações poéticas também partem do texto e nesta exposição de informações trataremos os textos literários como os exemplos cruciais para o desenvolvimento da jornada dos personagens. A partir disso, é possível notar que as funções dos personagens resultam nos pontos centrais das narrativas fazendo com que a própria história seja contada, de modo que as figuras de linguagem e metáforas apresentadas podem promover inicialmente a nossa discussão sobre texto e discurso poético, ressaltando também as diversas discussões notáveis sobre os modelos poéticos.

Em detrimento das análises sobre *Atena* e *Beatriz* pressupomos uma visão crítica em suas relações particulares, pois suas apresentações em suas respectivas obras e mitos abrangem não somente as historicidades dessas obras, mas também dizem muito a respeito da construção das personagens como um todo. Desta maneira a discussão sobre a imitação nos indica que ambas as personagens possuem um cargo que passeia na construção do próprio modelo literário apresentado pelas respectivas obras, construindo o mito como uma peça indispensável para a construção artística das obras. Lembrando as palavras de Brandão (p. 13, 2002):

Aristóteles separa argutamente a arte da moral com a teoria da mimese e da catarse. A tragédia é a imitação de realidades dolorosas, porquanto sua matéria-prima é o mito, em sua forma bruta. Acontece, todavia, que essa mesma tragédia nos proporciona deleite, prazer, entusiasmo. Que tipo estranho de prazer pode ser esse? Um deleite motivado por realidades dolorosas? Mas tais obras adquirem seu perfil pela história

relatada- um catálogo de cenas dolorosas que tem um desfecho, as mais das vezes trágico, infeliz. A tragédia é, não raro, a passagem da boa à má fortuna.

Assim as representações e historicidades dados pelos modelos literários tendem a se manifestar em associação com as produções de suas épocas. Então, como os modelos tendem a ser imitados para a construção da arte, isso pode significar que as mesmas apropriações enaltecem as relações dos autores e desenvolve a sua associação histórica com suas construções artísticas, neste caso, com a poesia épica é compartilhada por ambos os autores podemos observar que certas construções e nuances dentro do texto são características que deixam rastros dos autores em sua construção artística.

Seguindo esse exemplo, a discussão sobre a relação dos autores com a elocução preza também por sua autenticidade de seguir o próprio molde da “imitação”. Dito isso a discussão milenar, segundo Platão, indica que:

... em poesia e em prosa há uma espécie que é toda de imitação, como tu dizes que é a tragédia e a comédia; outra, de narração pelo próprio poeta - é nos ditirambos que pode encontrar-se de preferência; e outra ainda constituída por ambas, que se usa na composição da epopéia e de muitos outros géneros, se estás a compreender-me. (*República*, 394c)

Sabendo que Platão reafirma que a “imitação” possui certos conceitos que não ultrapassam o sentido da imitação em relação para a apropriação da voz e do corpo e da cena para criar o seu sentido, por isso Platão separa de maneira ferrenha a imitação da narração e condena em primeira linha aquilo que considera como imitação então.

Logo - prossegui eu - o orador que não for dessa espécie, quanto maior for a sua mediocridade, mais imitará tudo e não considerará coisa alguma indigna de si, a ponto de tentar imitar tudo com grande aplicação e perante numeroso auditório, mesmo até o que dizíamos há momentos: trovões, o ruído do vento, da saraiva, dos eixos e roldanas, trombetas, flautas e siringes, e os sons de todos os instrumentos, e ainda os ruídos dos cães, das ovelhas e das aves. Todo o discurso deste homem será feito por meio da imitação, com vozes e gestos, e conterà pouca narração. (*República*, 397a)

Nessa proposição, Platão indica que tudo que é imitação é uma interpretação que parte do pessoal do poeta, ainda assim, tal construção é uma criação e adaptação rígida do poeta em si, neste caso, essas considerações se separam do que é a realidade e moralidade da construção individual do poeta. Diferentemente de Aristóteles que entende a imitação como um recurso técnico, assim, na *Poética*, que por sua vez não reduz a “imitação” como um modelo moral, no qual o poeta toma o discurso e se torna um centro para realização dos ditos, neste caso, Aristóteles indica que a imitação é um recurso, ou seja, uma habilidade que depende da técnica para a construção da arte ou do deleite em si, desta forma o filósofo indica que.

A epopeia e a tragédia, bem como a comédia e a poesia ditirâmbica e ainda a maior parte da música de flauta e de cítara são todas, vistas em conjunto, imitações. Diferem entre si em três aspectos: ou porque imitam por meios diversos ou objectos diferentes

ou de outro modo e não do mesmo. Assim como uns imitam muitas coisas, reproduzindo-as (por arte ou por experiência) através de cores e figuras e outros através da voz, assim também, nas artes mencionadas, todas realizam imitação por meio do ritmo, das palavras e da harmonia, separadamente ou combinadas. (*Poética*, 1447a15)

Seguindo as palavras do filósofo, a arte é imitada a partir desses três recursos: o meio pelo que se imita, o objeto que se imita e o modo como se imita. Os três norteiam a técnica de cada autor e dos modelos para criar arte e expressividade. Desta maneira, de acordo com o próprio Aristóteles, aquilo que se imita por palavras seja em prosa ou em verso se diferencia com os demais modelos, pois todos usam o metro, então Homero e Empédocles diferem em todos os aspectos exceto no uso do metro. Para o objeto que se imita, Aristóteles relata uma série de autores que representam “os homens” separando-os em três categorias: inferiores, superiores e iguais a nós. Desta maneira, seja na poesia ou na pintura o conceito dos seres humanos superiores são mais próximos do ideal épico que se destacam como mais aptos e mais belos. Em seu texto Aristóteles ainda reforça que quando se imita os homens é forçado que eles sejam bons ou maus e que geralmente se distribuem por essas categorias e eles se diferem pelos caracteres do vício e da virtude, então as imitações mencionadas terão estas variações e serão diferenciadas por imitar objetos diferentes. Por fim o modo como se imita, então dados os objetos e os meios é indicado por Aristóteles que eles se imitam seja narrando como Homero faz, significa que este autor toma a personalidade e atua sem alterar a identidade, ora representando os movimentos em atuação assim o filósofo indica que a imitação existe por esses três diferenças.

Neste trabalho vamos nos atentar às discussões miméticas e seus benefícios em relação à publicação da arte poética, desta forma os casos de manifestações sobre as concordâncias imagéticas das representações de cada autor perante suas obras serão considerados de acordo com a representação de ambas as personagens Atena e Beatriz.

À vista disso, existe uma curiosa representação de obras gerais aqui analisadas, assim essas representações instaladas com o tema clássico e renascentista têm o seu próprio estereótipo aplicado em seus períodos. Portanto, a linguagem que se apresenta em verso se exalta na técnica e também na relação com a mimese, então o *Eu Lírico* tende a ser representado em uma vasta visão peculiar de construções coesa e alternativa.

Então, com essas ideias é possível considerar que os temas dos autores são dinâmicos, na medida em que se reconhecem como temas e permitem novas produções, fortalecendo as representações e suas recorrências para criar idealizações significativas para suas personagens, seja na contemplação ou seja na técnica. Sabendo disso, o texto se torna um referencial que pode ser compartilhado por outros, seja de maneira textual ou discursiva. Tal atitude se chama

empréstimo poético para, desta forma, indicamos que Atena e Beatriz possuem um papel em semelhança e a relação da guia no sentido do lugar comum que para Achcar.

...Na lírica predominam os *tópoi* e na épica as fórmulas, e se trata de materiais diferentes: estas são sintagmas, unidades frasais que se repetem; aqueles são unidades semânticas, para as quais cada poeta constrói a seu modo a forma de expressão. Mas, ainda que reflitam, em sua diversidade, modos e talvez momentos diferentes de existência da poesia, esses processos de composição conheciam um mesmo princípio: o recurso sistemático a formas de expressão ou de conteúdo estocadas pela tradição oral... ACHCAR. 1994, p. 54.

Assim com essa observação é possível interpretar algumas visões críticas sobre a forma das representações artísticas que estão presentes nos textos, neste caso a intertextualidade - outra maneira de entender os tópicos - mantém suas formas através dessa visão orgânica, portanto as estruturas textuais, quanto ao sentido cultural, são formas de observar suas relações gerando sua própria organização e sua construção coesa.

Dado isso, Beatriz e Atena partilham não somente do corpo feminino, mas também pelas formas como são idealizadas dentro das obras, então a justiça e o amor platônico se mesclam com suas representações divinas, criando então uma breve sensação da salvação celestial ou superior, dito isso a relação da mimese se desenvolve para a construção de Atena e Beatriz, sendo representadas pelos autores e idealizadas pelos personagens criam a atmosfera da relação celestial com aqueles que são guiados.

O AMOR PLATÔNICO

Neste trabalho nos atentamos na visão geral sobre o amor e as relações platônicas existentes sobre ambas as personagens, ressalva as representações acerca das mesmas e seu arquétipo poético e representativo em relação às formas divinas apresentadas de cada uma, então, o amor platônico apresentado para Beatriz é muito mais aparente, pois Dante ao cantar para sua musa desenvolve a sua idealização de salvação, além do próprio afeto considerado por Beatriz durante toda a *Divina comédia*, e por outra via temos Atena que é representada por diversos outros poetas, todos com suas especificidades e peculiaridades, mas sempre criando a sua divina presença, seja em hinos e lendas mais dramáticas ou em situações amenas a deusa possui sua forte e imponente imagem ³representada.

³ No mito de Orestes a deusa Atena tem o papel de juíza, podendo relacioná-la como a justiça divina. No *Banho de Palas* a deusa demonstra sua humildade e bondade sobre um jovem que a presenciou despida por acidente lhe deixando cego, mas a deusa o torna um oráculo e no Hino Homérico trata-se do nascimento da deusa Atena saindo da cabeça de seu pai Zeus, podendo nos indicar que a mesma representa a sabedoria divina.

Entendendo as especificidades que rondam o conceito natural de “amor” podemos sugerir que o afeto é uma dessas pequenas extensões que nos dão as pistas sobre esse ato. Assim como amar também é o ato de zelar como da mesma forma podemos entender por preservar. Com isso essas ações estão em semelhança com o ato de idealizar devido aos esforços que estão em meio a essa prática. Então, ao pensar sobre o amor Sócrates - personagem de *O banquete* de Platão - desenvolve o ato de pensar tal, então

No dia em que nasceu Afrodite, os deuses apresentaram um banquete, achando-se entre eles Poro, ou Recurso, filho de Prudência. Já no fim do banquete chegou Pobreza (Penia), com a intenção de aproveitar aquela oportunidade única para mendigar, e se colocou perto da porta. Nesse entrementes, Poro, embriagado de néctar - pois ainda não se conhecia o vinho, penetrou ao jardim de Zeus e logo adormeceu pesadamente. Então, Penia, espicaçada por sua própria falta de recursos pensou na possibilidade de ter um filho com Poro: deitou-se-lhe ao lado e concebeu Eros. Assim, tornou-se Eros companheiro e servidor de Afrodite, por ter sido gerado no dia do seu nascimento e por ser Afrodite bela e ele naturalmente amante das coisas belas. Porque filho de Poro e de Penia, ou seja, da riqueza e da indigência, tocaram-lhe os seguintes predicados; para começar, é sempre pobre e está longe de ser delicado e belo, conforme crê o vulgo. *Banquete* (203b-d)

Nesse discurso sobre a origem, Diotima dialoga com Sócrates sobre o amor descrevendo suas implicações e conveniências para o seu deleite, então entendendo essa história como a forma originária do amor e os conceitos que implicam a sua condição para os seres mortais entender essas exigências para que assim possam esforça-se para manter o amor consigo, sendo assim entender o sentido metafórico e lúdico de como o amor se comporta no interior dos seres humanos implica na solução da necessidade e no ato do “desejar”, tais como os personagens Pobreza e Recurso, indicando que existe a necessidade de ambos estarem ligados apresenta um tímido entendimento acerca dessa idealização que se perpetua até os dias de hoje no pensamento platônico, como um parâmetro que resiste.

Dentro da ação de zelar pelos heróis, podemos entender que Atena possui a predileção pelo povo grego, visto a grande quantidade de auxiliados pela deusa indicando uma pequena inclinação em seu esforço para manter a honra e a nobreza desse povo. A medida desse mesmo esforço Beatriz cumpre sua responsabilidade como guia desde o primeiro momento em que é citada, desenvolvendo seu esforço e ação até o momento em que Dante a encontra no purgatório, mesmo estando distante sua presença é reafirmada em certos momentos na jornada, desenvolvendo em Dante o vigor para manter-se na viagem, então para as duas damas divinas o esforço e a presença são marcantes nas obras em que existem, sempre ressaltando o próprio papel da guia.

Observando o dever do(a) guia e o modelo de orientar, podemos entender que esses papel é um esforço tão significativo quanto qualquer outro, visto que o papel de orientar, discutir e guiar possuem uma relação ativa com o guiado já que esses esforços mentais condizem com a vontade de preservar, desenvolver e zelar por aquele que está sendo guiado e orientado com a sabedoria e observações que lhe são pertinentes, ainda assim as próprias atitudes dos guias são bases de suas características, por isso instruir, guiar e instigar fazem parte desses aspectos do que são os guias sendo assim, a própria Diotima funciona como uma guia para Sócrates dentro das discussões sobre o que é o amor e como esse conhecimento pode lhe atribuir novas observações e tornar-lhe mais sábio.

Discutindo de maneira dualista sobre a noção do amor, entre as discussões do platônico e do corporal, ainda assim podemos entender que essas nuances são construções para o recurso da guia como uma instância textual do modelo épico ou mesmo pela própria construção da guia.

PRODUÇÃO DA ANÁLISE E DA CRÍTICA TEÓRICA.

Com base principal no método de observação visando a intertextualidade em Francisco Achcar e sua percepção sobre o empréstimo poético e suas formas de investigação, conseguem dialogar com este trabalho já que as semelhanças do papel da guia se ressaltam para Atena e Beatriz enquanto dentro as diferenças das personagens são serão objeto de observação em como ambas conseguem instigar aqueles que elas guiam. Então a forma crítica resumida em seu texto “crônicas do *carpe diem*” consegue ampliar a discussão nos nichos do intertexto. Sendo assim, há um cuidado com esses meios da apresentação das personagens, visto que as passagens possuem suas vastas diferenças, mas que podem promover notáveis semelhanças.

A variedade constante pode seguir o formato básico de análise sobre a imagem da antiga deusa. Assim as formas de observações serão instigadas a partir dos conceitos da idealização da guia e o significado que este termo carrega, visando ambas as personagens Atena e Beatriz, também entendendo que a própria Beatriz é relacionada a um jogo ficcional entre a Beatriz personagem e a moça Beatriz Portinari a filha do banqueiro de Florença do século XIV, tratando assim também do próprio fazer poético, dado a complexidade da própria *Divina comédia*.

Deste modo, após diversas leituras acerca da Deusa Atena e da Beatriz, é confirmado essa relação divina entre ambas existe de maneira relevante, e que as representações e idealizações de suas imagens estão presentes em ambas as personagens em suas respectivas obras e séries de mitos. Dito isso, a própria construção das personagens e as passagens sobre

elas são de extrema importância para investigar as representações, então com a tradução de Xavier Pinheiro e seu apreço pela obra de Dante Alighieri essas investigações iniciais foram feitas.

Para a análise de Beatriz se foi visitada a própria *Divina comédia* pela tradução citada acima, já para as análises sobre a deusa Atena se foram investigados os mitos “Hino Homérico a Atena”, “*O Banho de Palas*” de Calímaco e “*O julgamento de Orestes*” na tragédia homônima de Eurípides. Essas obras foram relevantes para a investigação, pois a visão da deusa em diversos autores instigou a vertente da representatividade da deusa, contudo foi na *Odisseia* que concentramos nossos esforços.

ATENA E BEATRIZ DUAS VERTENTES DE UM MESMO IDEAL. O CAMINHO DA VIRTUDE E DOS JUSTOS.

Pensando dentro do significado das personagens Atena e Beatriz as duas se tornam a vertente da idealização do belo e do justo. Deste modo, em primeira instância, o significado em ambas se torna o caminho idealizado para o referente recompensador dos caminhos instruídos e para a contemplação das “recompensas” divinas como um todo. Desta forma, a idealização significativa tende a retomar as explorações imaginárias dos símbolos entre Beatriz e a deusa Atena. Seguindo esta linha de raciocínio ambas as personagens promovem as suas maneiras de idealizações centralizadas nas suas formas, referentes às obras.

Beatriz como a musa idealizada de Dante, precursora do seu caminho e da motivação divina para a vitória da jornada entre o inferno e o purgatório, sendo a estrada do paraíso, significa o resultado idealizado da vitória entre a tentação e a perdição devido ao significado dos justos e a nobreza da jornada. Então o significado do canto XXXI do *Paraíso* promove a forma celeste mais contemplativa do significado do caminho ideal referente a Beatriz. Na solução da fé de Dante, Beatriz cumpre o seu papel como guia da fé resultando em um Dante mais nobre e consequentemente tornando-o uma pessoa apta a entrar no paraíso.

Para a Atena as diversas maneiras como é retratada nos textos define uma relação ao seu significado como uma respectiva forma divinal onde sua face como figura responsável pela justiça se denota, contudo também existe a sua representação corporal, mais evidente no hino de Calímaco, mesmo que seu corpo desnudo seja um dos principais pontos neste mito a deusa em si não se reduz a este momento, pois em virtude da sua jovialidade Atena é disposta como uma divindade, devido a isso ocorre tragédia na história, pois a presença da deusa e seu significado requer o consentimento para ser contemplado de determinada maneira. Já em

Orestes a deusa está em outra postura com o cargo de juíza o significado da justiça e como ela exerce seu dever como a representante desses diversos títulos divinos, ainda assim como a justiça de *Orestes* o banho de palas, ainda assim, mantendo seu aspecto divinal a personagem Atena se apresenta e se desdobra de infinitas maneiras tomando diversos papéis na história, hinos etc...

Desta forma seu significado relevante a esta discussão está relacionado à de maneira quase subvertente para a imagem de Beatriz citada acima, mesmo que, o significado de ambas possui mais diferenças do que semelhanças, o significado que está condicionado aqui é a forma da guia. Deste modo, quando essa observação está condizente com a aplicação da distribuição dos valores do justo e do belo se ressalta nas recompensas divinas para os guiados, assim atribuindo-lhes os valores celestiais e honrosos para que os mesmos personagens consigam usufruir do êxtase do sucesso de suas jornadas, Dante por intermédio de Beatriz consegue encontrá-se com sua musa e subir ao céu enquanto o contempla.

“Desta arte prosseguiu; porém dizendo,
O mais acerto para o fim aguardava: 72
— “Oh! Sou eu! Sim! Beatriz ‘stas vendo! .
Pois te hás dignado de ascender ao monte
Ter aqui dita o homem já sabendo?” —.

Dante (*Purgatório*, XXX. v. 71-75)

Neste momento no purgatório Dante encontra-se com sua musa, Beatriz por sua vez indica que o homem lhe foi atribuído a salvação divina e que ele pode ascender aos céus junto consigo, logo após esse momento o próprio Dante confessa seus pecados e é repreendido por sua guia, ainda assim ambos seguem viagem até o paraíso.

Telêmaco por sua vez é instruído por Atena e reencontra seu pai Odisseu que retorna consigo para o encontro de sua mãe Penélope. A maneira em que esses textos são apresentados nos indica que a orientação das musas são instigações para que os heróis sigam um determinado caminho e que no final de sua jornada sua recompensa será a conclusão da mesma, junto com amadurecimento e sabedoria divina, deste modo o que cria a relação entre as duas guias trata-se da instigação, dentro desse texto é textual trata-se da forma como as guias instigam os seus respectivos guiados e como esse mesmo texto.

...Se a intertextualidade é uma propriedade do sistema literário, conforme se viu, então é coletiva, não individual e, se consideramos uma determinada semelhança entre dois textos como suficientemente marcada para ser percebida como uma alusão, isso se deve a uma competência que é comum aos leitores coletiva, não aos pensamentos individuais dos escritores. FOWLER, 2019, p. 97.

A forma de observar a intertextualidade alusiva para o Conte está relacionada a forma como ambos os textos estão aludindo um ao outro, neste caso em específico a alusão só estará

em funcionamento quando estiver apresentado no texto propriamente dito, sendo assim o significado das partes necessitam da mesma unidade frasal representada no léxico. Entretanto, usaremos o modelo da intertextualidade alusiva de Fowler, pois este autor cita que esse tipo de intertextualidade ocorre tanto no léxico quanto no discurso, tratando isso também como um modelo acessório que os autores desenvolvem em seus textos e desta forma considerando a deusa Atena e a Beatriz o discurso constrói um diálogo entre as personagens sem desconsiderar o léxico.

No contexto da nossa pesquisa existe a relação entre as personagens Atena e Beatriz, isso significa que, as suas semelhanças se tornam mais tímidas em comparação com suas diferenças, mesmo assim existem semelhanças significativas quando tratamos das representações que essas personagens podem possuir em relação a função de guia, não somente como musas inspiradoras para obras ou trajetórias bélicas, mas também como formas da sabedoria divina e maneiras de se portar perante situações de inspiração e contingência para o desenvolvimento da nobreza, deste modo desenvolvendo a virtude enquanto demonstra o afeto para a postura do herói guiado.

Deste modo ao pensarmos sobre a teoria do que está propriamente demonstrado no texto e se ressalta como uma forma individual da estimativa da alusão de um poeta, contudo quando entendemos a intertextualidade em relevância daquilo que “pode” significar, essas relações mudam devido a maneira como cada guia orienta, assim os guias instigam para que os protagonistas desenvolvam o entendimento ou tomem certas atitudes. Neste momento temos os momentos de instigação juntamente com a instrução, Atena de maneira mais direta com suas transformações e Beatriz com o seu momento inicial sendo citada por Virgílio o guia inicial de Dante, ambos são momentos de inspiração inicial para os heróis e que logo após suas jornadas se iniciam. Então dentro do discurso a forma de significar esta retomada de maneira quase singular para os moldes de como o conteúdo pode ser visto pelo leitor já que discurso é algo particular de cada um e como essas informações podem chegar de maneira distintas para cada pessoa, desta maneira o significado de Atena está sugerido para o perfil geral de Beatriz, assim em função do significado daquelas atitudes que podemos entender em contrapartida daquela que está propriamente dita.

O PAPEL DA GUIA APRESENTADO PARA AS DUAS MUSAS

Tratando dos modelos da poesia épica e dos paradeiros constantes dos heróis da literatura clássica, a presença da musa se torna um recurso simbólico relevante tanto para os

leitores, quanto para a própria significação da história entre os personagens e metáforas apresentadas. Assim, entender este recurso desenvolve uma percepção diferente da obra como um todo. Então, observando a relação das musas para a construção e o entendimento da metáfora da guia, o poeta que ressalta tais formas e constrói o pulso inicial para a história dado como o início da jornada, como ocorre em *Os Lusíadas*, *Eneida* e a própria *Divina Comédia* entre outras... Essas obras fazem uso das damas de inspiração para anunciar o estágio primário da obra, vale ressaltar que as musas e os guias são conceitos, recursos e diferentes, entretanto esses dois elementos se assemelham pela instigação que causam nos protagonistas, dito isso Beatriz é musa e guia de Dante, enquanto Atena não adere o papel da musa, mas se põe no papel da guia.

Observando essas obras e os discursos relativos às musas, *A Divina Comédia* opera com o tema explícito do reconhecimento de Virgílio-poeta como inspiração para Dante no tocante ao desenvolvimento da obra, dado o seu modelo poético épico. A construção da literatura está vinculada à homenagem e ao reconhecimento ao mestre, então em toda a função regida pelo modelo se desenvolve como representação para o modelo Virgílio-personagem.

Nem, perseguindo o desenvolvimento da função magistral do texto, poderíamos prescindir do fenômeno, peculiar à cultura latina, da sugestão do texto virgiliano. Também na grécia Homero havia de alguma forma exercido um papel similar como professor universal; em Roma, Virgílio que de resto surge quase no centro cronológico do desenvolvimento da literatura, torna-se uma espécie de texto-guia, primeiro para a poesia épica sucessiva, cuja língua e cujo tecido de cenas e episódios fortemente condiciona depois para cada ramo da cultura, numa progressão que desembocará na mitificação da figura virgiliana. PERUTELLI, 2010, P. 294.

Com a metapoesia esse fenômeno Dante, tanto o poeta quanto o personagem, se caracterizam de maneiras muito particulares, representando-se como um aprendiz de Virgílio, tais pistas são asseguradas pelo próprio modelo virgiliano adotado por Dante. Dentro das observações do texto literário, é possível notar que existe uma certa semelhança no sentido das passagens referentes: dentro do canto II do *Inferno*, Virgílio indica que foi Beatriz que o mandou ao encontro dele para guiá-lo até sua presença, vale ressaltar que o poeta mantuano já foi apresentado no canto I, contudo as afirmações acerca da sua presença só aparecem nos cantos posteriores. Assim, nas traduções algumas observações são interessantes, pois a imagem de Virgílio é criada por referências diretas e pistas como a menção ao próprio Eneias como “Silvio”, e Virgílio como o pai da *Eneida* e reconhecido e referenciado por Dante como “Mestre” ainda assim, esta mesma figura indaga que Beatriz, sua musa evocada, o concede para guiá-lo pelo ameaçador submundo, sendo a inspiração inicial para o protagonista.

“Sou Beatriz, que envia-te ao que digo,

De lugar venho a que voltar desejo:
Amor conduz-me e faz-me instar contigo. 72
“Voltando ao meu Senhor, em todo o ensejo
Repetirei louvor, que hás merecido”.

Dante (*Inferno*, II. v. 70-74)

Para a configuração do discurso, podemos observar que a evocação de Virgílio para o encontro com o poeta florentino é desenvolvida por Beatriz para consagrar a jornada divina que espera por Dante, desta forma, podemos então instigar que o discurso de Beatriz citado por Virgílio instrui que a jornada do poeta irá levá-lo a presença da sua musa e esse encontro lhe foi merecido. A fala de Virgílio indica que seu papel neste exato momento é guiá-lo a mando da musa Beatriz, ainda assim, o momento inicial em ambas as obras desenvolve a noção de zelo por parte dos guias para os protagonistas, desta maneira o significado que tanto Dante, quanto Telêmaco são zelados pela força celestial e pelo cuidado divino em cima de ambos, Atena inspirada para proteger Odisseu e o próprio Telêmaco instrui aos demais deuses que suas vidas e espíritos devem ser protegidas.

A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta: 80
“Crônida, pai de nós todos, senhor poderoso e supremo!
Pois se assim é, e do agrado dos deuses bem-aventurados
que a seu palácio retorne Odisseu, o de grande inventiva,
Hermes, então, sem demora enviemos, o guia brilhante, à
Ilha de Ogígia, porque, sem mais perda de tempo, anuncie
À venerada Calipso de tranças bem-feitas, a nossa
Resolução de mandar o prudente Odisseu para à pátria.
Enquanto a mim, irei logo para Ítaca, porque seu filho
Possa incitar e inspirar-lhe a coragem precisa no peito,
para chamar ao congresso os Acaios de longos cabelos 90

HOMERO (*Odisseia*, I. v. 80-90)

Assim, por influência e incentivo de Atena podemos observar que ocorre o chamado para a jornada de Odisseu e Telêmaco sob orientação da deusa para a preservação da virtude de Odisseu em relação aos deuses. Assim a preservação de ambos é consagrada como argumentação da deusa Atena, deste modo esse momento se torna o pico inicial para as aventuras e a demonstração da virtude, significando o zelo da deusa por estes heróis. Deste modo o texto nos permite entender que a deusa Atena não só possui uma alta relevância do seu cargo como divindade, mas também exerce um papel como modelo de inspiração, tal como a relevância das musas. A partir disso, em ambos os casos consegue-se perceber que o ponto inicial das jornadas dos heróis relevantes seja Dante, Odisseu e Telêmaco dá-se às musas, pois são elas que instigam esses protagonistas ao início e sucesso de suas jornadas.

O encontro com Telêmaco é um passo importante na história da *Odisseia*, pois demonstra a jornada deste herói em busca do seu pai que está tentando retornar para Ítaca, ainda

assim como apresentado na citação anterior, Atena se disfarça de Mentos um homem mais velho e sábio e instiga a possibilidade para que Telêmaco saia em jornada em busca do seu pai. Dito isso, Atena instrui que a dotes dos bem-aventurados se ressalta nos valores de um líder, tanto pai, quanto político, deste modo os pretendentes carecem desses dotes e devido a isso não são possíveis substitutos para Odisseu, inspirado e encorajado por Mentos Telêmaco decide sair em busca do seu pai.

Entender o papel do guia é fundamental para esta análise, pois trata-se das forças exteriores que movem o sentido e a vontade do herói, pelo sucesso e pela jornada, deste modo o representante do guia se introduz não só como uma “figura relevante” mas por alguém que intervém de maneira direta e indireta principalmente em função da afirmação, assim incentivando o herói a exercer forças em testemunho àquele destino e então almejando um “novo futuro” Sabendo que Atena é uma dessas questionadoras temos o seus disfarces na *Odisseia* ⁴Mentos e Mentor, ambos guias para Telêmaco e ambos com papéis cruciais para o desenvolver dos primeiros passos do caracterizado “jovem ajuizado”.

Mentos o seu primeiro disfarce trata-se de um dos possíveis pretendentes que visam substituir a Odisseu como representante de Ítaca, em suma seu disfarce inicial questiona sobre o paradeiro de Odisseu e vastas aventuras e camaradagem trocadas por ambos, assim com esse discurso dirigido a Telêmaco essas instigações são plantadas na mente do jovem.

Crescido assim, como estás, do valente Odisseu tu descendes?
Muito com ele pareces, nas belas feições, na cabeça,
Pois com bastante frequência trocávamos sempre visitas,
Antes que para as planícies de Troia embarcasse, aonde foram 210
Em naus velozes, também os Argivos mais nobres e fortes.
Desde esse tempo nem mais eu o vi, nem me viu Odisseu.

HOMERO (*Odisseia*, I. v. 207-212)

De forma natural a instigar a sensação da falta Atena disfarçada de Mentos instrui as lembranças e “honra” do que é um potencial representante para a rainha Penélope, deste modo os largos adjetivos que Mentos promove ao relembrar o nome de Odisseu se embate a visão daqueles que estão ali presentes em um tom de desdém.

“Não resolveram os deuses ficasse sem nome a linhagem
A que pertences, porque de Penélope foste gerado.
Mas vamos, ora me fala e responde conforme a verdade:

⁴ Mentos e Mentor são alegorias relacionadas ao pensamento, ou seja, Atena por ser a deusa da sabedoria e esse mesmo título ser relacionado ao pensamento os nomes dos seus disfarces retomam a ideia da mente e do saber, assim a condição da própria mente está ligada às pistas da deusa relacionadas ao léxico dos nomes de ambas as figuras. (cf. ‘Mentor’ in BRANDÃO, J. 2002.) Mevntwr (Méntōr), Mentor, é derivado por Carnoy, DEMG, p. 126, da raiz de mevnoV- (ménos-) “espírito, mente, decisão, vontade”, donde “o que pensa, reflete, o prudente”.

Qual é esta festa? Que gente? Até onde te importa isso tudo?
É casamento ou banquete? Pois não me parece de escote.
São, a meu ver, por demais arrogantes na festa que fazem
Em tua casa. Qualquer indivíduo dotado de siso
Se indignaria, ao se ver testemunha de tanta impudência”

HOMERO (*Odisseia*, I. v. 222-229)

Atena disfarçada como Mentos desenvolve em Telêmaco diversas indignações que são perceptíveis ao longo de todo o diálogo, assim seu discurso ganha credibilidade com o rapaz devido a presença das inúmeras qualidades referentes ao seu pai Odisseu, enquanto em volta aos pretendentes sempre é ressaltado que nem um deles possuem a honraria ou astúcia necessária para tal. Conforme demonstrado na maneira adjetival discrepante entre a linhagem de Telêmaco em comparação com os pretendentes da sua mãe, deste modo a inspiração e os impulsos iniciais para o estágio em que Telêmaco reconhece a sua situação, seu pai desaparecido e os pretendentes não possuindo honra para ocupar o lugar do seu pai, assim desenvolvendo a vontade inicial da jornada, o texto abre margem para esse entendimento, pois estes mesmos instigação é gerado através da revolta que instigada a sua necessidade de sair em busca do seu pai.

Na festa dos pretendentes Atena se disfarça novamente, agora, como Mentor ela faz leves e semelhantes ressalvas da família de Odisseu, instruindo e convidando o rapaz Telêmaco a viajar consigo em seu barco veloz, sua primeira parada é em Pilo no canto III Atena disfarçada de Mentor em seu navio indica que o jovem Telêmaco encontre-se com Nestor e busque informações sobre seu pai, assim em seu comportamento como Mentor se difere do seu comportamento como Mentos, pois enquanto o primeiro instiga Telêmaco para desenvolver sua revolta perante a situação e a necessidade de entender o paradeiro do seu pai, assim estendendo a vontade para a jornada, enquanto para Mentor os moldes das orientações são diretas e objetivas, pois suas falas e recomendações estão ligadas diretamente as ações que o jovem herói deve aderir, enquanto Mentos incita a revolta no coração do jovem Telêmaco Mentor instiga o jovem a viajar consigo lhe oferecendo uma primeira grande oportunidade.

“Deves, agora, Telêmaco, pôr a vergonha de lado,
Pois empreendeste a viagem com o fim de saber, tão somente
Qual o destino que teve teu pai e em que terra se esconde.
Sem vacilar te dirige a Nestor, domador de cavalos,
Porque saibamos que sábio conselho em seu peito se oculta.
Tu próprio deves pedir-lhe que fale conforme a verdade.

-HOMERO (*Odisseia*. III. v. 14-19)

O modelo da orientação adotada por Atena enquanto Mentor está relacionada principalmente nas ações. Assim suas sugestões enquanto guia são respeitadas e aderidas sem

questionamentos pelo jovem Telêmaco, pois dada a circunstância e todo o momento pertinente ao objetivo do herói, sendo assim, criando e desenvolvendo a possibilidade do que se deve ser feito junto a isso com a vontade, assim enquanto Mentos desenvolve a “vontade” no jovem Herói Mentor orchestra as possíveis ações a qual Telêmaco pode adotar, assim criando a coragem no rapaz enquanto o progresso da sua jornada se apresenta, deste modo Atena desenvolve o cenário ideal para que Telêmaco torna-se o filho aventureiro que irá reencontrar seu pai pela vontade dos deuses, sendo o diálogo com Nestor sua primeira parada.

O ajuizado Telêmaco disse-lhe, então, em resposta,
Sem se tolher, pois Atena coragem lhe havia infundido,
Para que acerca de seu pai ausente pergunta fizesse,

-HOMERO (*Odisseia*. III. v. 75-77)

Em síntese, a relação de Atena como a guia do herói Telêmaco nos indica perceber a relação entre a guia e o início da jornada, tendo uma importante função de instigar o herói para o princípio da jornada, então, na *Odisseia* o próprio texto cria esse drama na vida do protagonista, com a presença dos verbos no imperativo e a própria construção do contexto de toda a situação inicial, essa apresentação instiga no leitor a sensação do início da jornada, além da presença da própria guia que neste caso é um recurso do gênero épico adotado tanto por Homero quanto por Dante. Dentro dessas apresentações as falas das guias são de extrema importância, já que suas orientações acarretam a jornada dos personagens como um todo, pois a maturidade que Telêmaco desenvolve é instruída nos primeiros momentos da sua jornada, sempre indicando que o jovem deve procurar os mais sábios e mais vividos para construir a si próprio. Para isso os guias partilham de suas sabedorias, instruem aqueles que são guiados e recompensam-lhes com as atitudes que devem possuir nos momentos certos. Telêmaco no instante citado teve a coragem Dante aqui posteriormente terá a clareza de não ser guiado pelas sombras que podem corrompê-lo, deste modo os guias promovem seus esforços de maneira direta e comunicada com aqueles que estão sendo guiados.

Em sonhos, em vigília o bem mostrando:
Cego, correu pelo caminho errado. 135
“Já todo o esforço meu se malagrandando,
Para salvá-lo do perigo eterno
Quis que baixasse ao reino miserando 138
“Foi neste empenho que desci ao inferno,
E à sombra, que de guia lhe há servido,
Fiz o meu rogo lacrimoso eterno.

Dante (*Purgatório*, XXX. v. 134-141)

O que ambas as obras nos permitem perceber é que os guias possuem sim sua função primordial de orientar os heróis das histórias, contudo esse não é seu único impacto nas narrativas, visto que, os personagens entram em conflitos em diversos momentos, sendo assim o início da jornada se torna algo primordial devido aos questionamentos e conflitos que são entendidos e apresentados no início da história. Dante perdido em uma floresta, Telêmaco incomodado com a ausência do seu pai e revoltado com os pretendentes, vale ressaltar também que o(a) guia possui uma forma relevante e reconhecida para o protagonista, dando destaque às suas falas a quem ele(ela) é e por fim a sua maneira de orientar.

A figura do guia é relevante e necessária, pois algumas explicações são solucionadas, além da inspiração inicial para a jornada que se encontra à frente, ainda assim essa relevância dos guias pode estar ligada ao afeto, pois o sentido do seu cargo no auxílio dos heróis se dá pela fala desses guias, para que os orientados possam tomar as melhores decisões possíveis pertinentes às suas jornadas. Beatriz na *Divina comédia* faz isso ao ser citada por Virgílio. Então, como o primeiro guia de Dante e seu mestre, Virgílio toma as medidas para instigar inicialmente a sua jornada. Assim, a menção a Beatriz e a frase motivadora desenvolvem um objetivo em Dante para persistir e encontrar com sua musa Beatriz. Com Atena a situação é bastante diferente, pois ela se transforma em duas figuras diferentes para auxiliar o jovem Telêmaco, suas falas são repletas de questionamentos e indignações sobre a situação do jovem, assim desenvolvendo e alimentando sua frustração para que o mesmo se sinta impulsionado a sair em busca do seu pai. Assim, ambos os textos literários nos permitem entender que os personagens e os seus guias têm uma relação “afetiva” pelo corpo e espírito, pois o próprio ato de guiar e de instruir de maneira positiva pode ser entendida como uma maneira de preservar, visto que as jornadas tendem a ser desafiadoras para ambos os protagonistas, por consequência a instigação do momento inicial é tão importante.

Chegando assim ao auge dos momentos da guia, são também demonstrados nas obras de maneira contemplativa e enigmática, então observando que o seu papel foi cumprindo o guia desaparece e a aventura do herói adentra em um novo estado, então com sua tarefa concluída o guia deixa de seguir o herói e sua nova jornada começa.

No *Paraíso* canto XXXI e na *Odisseia* canto XVI se dá o auge dessas duas figuras, Beatriz sendo contemplada e recebendo um lugar de direito na rosa dos justos que é mencionado como uma festa dos anjos, onde eles circulam e rodopiam enquanto pairam sobre o céu, formando uma figura que remete ao sol, já na *Odisseia* Telêmaco reconhece seu pai Odisseu, mesmo depois de muito tempo de jornada, também com o auxílio da deusa Atena. O que se desenvolve nas relações de ambas as personagens é que as duas estão atreladas aos conceitos

divinos já que Atena é uma deusa e a Beatriz guia Dante para o paraíso celeste e englobam as metáforas que se dão por esses padrões, dando a entender que a forma divina está associada ao “sucesso” e que a intervenção dos “seres” superiores se desenvolve com vistas à virtude dos heróis seja preservada. Então, tratando-se de ambas as personagens e em como as duas são apresentadas aos leitores percebe-se que existem semelhanças nos seus moldes de agir, propósito e do seu próprio comportamento, Atena como uma deusa do olimpo e que possui uma vasta relevância na cultura grega como um todo e Beatriz a musa de Dante que o guia da região do purgatório até a região da rosa dos justos no paraíso, ou seja, essas personagens não estão ligadas de maneira direta, mas de maneira discursiva, dada a situação em que as duas saem do “celeste” seja o paraíso ou o olimpo as duas se relacionam como as guias, assim representando o conhecimento celeste, pois nos dois exemplos podemos perceber que Atena antes de seguir para sua viagem e cumprir seu papel de guia ela argumenta o seu ponto de vista sobre o bem-estar de Odisseu,. Para Beatriz essa situação está ligada à medida que ela adentra ao paraíso junto a Dante, apresentando e demonstrando as figuras relevantes e dádivas do paraíso.

Os relatos dos protagonistas que acontecem dentro do Paraíso, indicam que Beatriz é uma figura sagrada e de conhecimento vasto, quando se trata a respeito das figuras relevantes do paraíso. Assim, Beatriz compartilha deste conhecimento com Dante o tornando mais sábio e de maneira instintiva o tornando digno ao paraíso. Seguindo no mesmo molde do sentido celeste, Atena está ligada também ao conhecimento celestial, mesmo que seus disfarces sejam conhecedores do mundo terreno, a deusa mesmo em seus disfarces sempre indica que a aventura do jovem Telêmaco se trata de algo do agrado dos deuses, assim ambos os textos através do discurso demonstram a sua ligação, tendo em vista também o paraíso e o olimpo como representações do celestial e Atena e Beatriz como sabedoria divina.

O CORPO E A REPRESENTAÇÃO DO DIVINO

Em todo caso o sentido celeste e o significado do conhecimento celeste cria uma relação significativa entre ambas as personagens, as representações em que são mostradas indica sempre que sua voz, corpo, ação e os diversos adjetivos, possuem um sentido “superior” Atena de maneira precisa ajuda Telêmaco, assim como Beatriz de maneira direta ajuda Dante, desta forma seguindo o molde do “ideal” as ações dessas personagens seguindo o papel da guia que pode indicar a relação do afeto com seus respectivos guiados, desta forma demonstrando que seu esforço inicial também é um ato de guiar.

Ao contrário, o foco, em anos recentes tem sido a forma pela qual a intertextualidade cria significados nos textos por meio de uma dialética entre semelhanças e diferenças. Embora a diferença permaneça altamente significativa, tem havido uma grande mudança na forma como os textos precedentes são agora novamente vistos: deixando “rastros” de si mesmo no texto de chegada. FOWLER.2019, P. 100.

A representação dessas personagens se apresenta de inúmeras formas, aqui Atena e Beatriz possuem uma relação “corporal” não significando literal, mas conceitual, demonstrando que através das metáforas do corpo existem níveis significativos de contemplação, assim tanto o resultado celeste para ambas as personagens se trata como o significado delas se tornam algo relativo e com maior peso para a trama da história como um todo. Contudo, essas personagens já são ligadas de maneira direta com o “celeste” representando o seu tema em comum e o que as tornam mais contemplativas para a história. Trata-se do fato de agirem ativamente para preservar o corpo e a alma dos heróis guiados, assim sua representação se desenvolve também para a virtude que os orientados consigam alcançar seus objetivos. E geralmente o corpo místico destas personagens se ressaltam para desenvolvê-las como entidades celestes relevante para a história no seu sentido de sereno, seja Beatriz no canto XXXI do *Purgatório*, ou seja, Atena nos momentos iniciais da *Odisseia*, onde toma formas distintas, muda o seu próprio corpo para atingir um objetivo específico.

Deste modo os textos nos incitam que as entidades celestes possuem não somente sua forma humana, mas possuem consigo a forma da serena divindade a partir também da sua construção corporal, para todo o desenvolvimento e contemplação das musas como personagens de admiração e em primeiro momento Beatriz é adjetiva também com o modelo corporal, neste momento no canto XXX do *Purgatório* Dante personagem observa sua musa e a idealiza como a deusa Atena, seguindo o nome Minerva, um dos nomes que a deusa grega possui, neste momento Beatriz é relacionada a deusa Atena também pelo elemento da fronde uma planta que adorna a cabeça daqueles que a merecem, na cultura clássica esse mesmo elemento era cedido para figuras importantes ou de grandes feitos e aqui Beatriz possui uma dessas coroas com nome de Atena a adjetivando-a.

Tendo, além-rio, o gesto a mim volvido
Conquanto o véu, que lhe cingia a testa,
Que de Minerva fronde coroava,
A face não deixasse manifestada,

66

Dante (*Purgatório*, XXX. v. 66-69)

Em ambos os momentos podemos perceber que o corpo de Beatriz foi utilizado como recurso para construir o momento sereno do encontro de Dante com sua musa, além do mais

utilizar tais descrições são recursos para contemplar aquele(a) que está servindo de modelo para tal momento, ainda assim, a descrição artística desenvolvida aqui também se dá pela própria Beatriz possuir esse aspecto divino na obra então essas construções que usam o corpo para criar seus adjetivos são centrais para a idealização dessa figura celestial, como também as acompanhantes de Beatriz comparadas as ninfas que também ressaltam sua beleza desenvolvendo ainda mais esse momento.

Pelo meneio, as três se adiantaram
Por angélico estilo modulando. 132
“Os olhos santos, Beatriz, -cantaram-
“Oh! Volve ao servo teu leal constante

Dante (*Purgatório*, XXXI. v.131-134)

Observando esses exemplos é possível que a figura de Beatriz possui uma certa relação com a deusa Atena, partindo do pressuposto que o leitor saiba que Minerva é um dos nome da deusa grega, contudo tal relação se torna mais forte quando observamos que tanto Dante poeta quanto Homero partilham desses recursos, então o corpo como uma forma adjetiva indica de maneira sutil que tais momentos são de contemplação para dar qualidades as personagens, ao momento e as atitudes que as mesmas, a imagem dos olhos também são uma peça chave para intercalar a imagem de ambas.

À de olhos glaucos, Atenas, Telêmaco disse o seguinte,
Quase a falar-lhe no ouvido, porque ninguém mais o sentisse
-HOMERO (*Odisseia*. I. v. 156-157)

A de olhos glaucos, Atena, ao encontro lhe veio na forma
De uma donzela, que um cântaro de água nos ombros trazia. 20

-HOMERO (*Odisseia*. VII. v. 19-20)

A de olhos glaucos, Atena concebe outro plano engenhoso:
Sono agradável resolve mandar sobre a filha de Icáro,

-HOMERO (*Odisseia*. XVIII. v. 186-187)

Uma das nossas observações mais importantes trata da repetição da estrutura adjetiva “A de olhos glaucos, Atena” sempre se referindo à deusa dessa maneira em muitos momentos durante toda a *Odisseia*. Essa construção sempre remete à visão aguçada da deusa, sempre valorizando sua percepção e inteligência, que é uma das suas principais características. Ainda nessa investigação, saber que Dante na *Divina comédia* adjetiva a Beatriz com o nome Minerva e logo após isso no canto posterior sua a musa e novamente lhe dá a qualidade de “Os olhos santos, Beatriz” instigando o leitor a imaginar ou aludir à deusa Atena, provocando no leitor a

relação divina entre ambas, também relacionando a imagem da própria Atena com a expressão do ideal do corpo clássico, indicando o belo, dito isso por conta da deusa Atena ser uma figura do período clássico essas características a englobam, este molde trata de uma característica histórica, então o verso “A de olhos glaucos” ressalta os olhos belos da deusa. Para Beatriz, por se tratar de um outro período histórico, especificamente no renascimento, essa característica corporal ressalta um modelo religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saber que Atena e Beatriz possuem inúmeras diferenças é quase que intuitivo, contudo, ambas as personagens também portam suas semelhanças mesmo que mínimas elas estão ali e são muito fortes, mesmo que as duas personagens sejam auto suficientes como figuras relevantes dentro de suas obras, ainda há discursos e construções textuais que as aproximam. Desta forma podemos entender que ambas dentro das obras analisadas não são simplesmente entidades postas de maneira arbitrária, mas sim, figuras ilustres que carregam um dever importantíssimo para o desenvolvimento completo dessas obras, Atena não foi escolhida de maneira aleatória, como também Beatriz não foi escolhida ao acaso e por se tratar do(a) guia esse papel é um recurso composicional e importante para os protagonistas, sendo assim, o peso e relevância desses personagens são de alto teor para as obras, sabendo que também o(a) guia é um recurso do texto épico que instiga aqueles que leem a inferir algumas informações baseadas simplesmente nas pistas deixadas pelas musas, também o que entendemos é que o esforço do(a) guia não é algo puramente físico por parte dos personagens, mas também se trata de um esforço mental para manter firme a mente dos guiados para o melhor caminho.

Em ambas as obras analisadas existem muitas semelhanças seja pelo motivo de dividirem o mesmo gênero ou seja pela apropriação de Dante Alighieri pelo modelos e exemplos dos clássicos, mas é inegável que as obras ainda carregam muitos desafios e nessa investigação observamos a intertextualidade e o discurso, mesmo assim entendemos que semelhanças e diferenças nos textos e nas representações dos personagens são riquezas que seguem o texto e quando desenvolvida com a maestria dos mestres essas obras sobrevivem por milênios possuindo sua relevância como obras belas e ricas em cultura.

Então, as discussões neste trabalho retomam questões acerca da mimese em Platão e Aristóteles, ressaltando a diferença entre ambos. Ainda assim, a mimese deve ser compreendida como o esforço dos poetas, enquanto o ato de idealizar, parte tanto do poeta quanto dos personagens das obras, seja pela construção textual em função do gênero, ou seja, por pistas

instigadas pelos personagens das obras, dito isso, esse modelo de idealização pode ser sutil ou direto. Deste modo, a evocação do amor platônico que sempre tende a ser um ato ou relação ideal que retoma o apreço pela imagem e espírito daqueles que se entrelaçam nesses sentimentos. Tendo em vista as próprias noções da mimese e do amor Platônico, discutimos que a sua significação se dá pela relação intrínsecas dos protagonistas com os guias, desta forma a idealização desses personagens se constroem a partir da contemplação e intervenção dessas figuras dentro das histórias. Aqui tratamos da guia e do guiado na *Divina Comédia*, em que Virgílio e Beatriz guiam Dante, e na *Odisseia* em que Atena guia Telêmaco. O trabalho, portanto, se estendeu respeitando os níveis do texto e do discurso, priorizando mais os aspectos do discurso, sem descuidar dos recursos textuais.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**; tradução e notas Maria Helena da Rocha Pereira. Av. de Berma Lisboa, 2004 Serviços de educação e bolsas Calouste Gulbenkian

ALIGHIERI, DANTE, **Divina comédia: Inferno/Dante Alighieri**; ilustrações Gustave Doré; tradução Xavier Pinheiro; introdução Otto Maria Carpeaux. - 12. Ed. - Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2017. 176 p. : il.

ALIGHIERI, DANTE, **Divina comédia: Purgatório/Dante Alighieri**; ilustrações Gustave Doré; tradução Xavier Pinheiro; introdução Otto Maria Carpeaux. - 12. Ed. - Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2017. 176 p. : il.

ALIGHIERI, DANTE, **Divina comédia: Paraíso/Dante Alighieri**; ilustrações Gustave Doré; tradução Xavier Pinheiro; introdução Otto Maria Carpeaux. - 12. Ed. - Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2017. 176 p. : il.

ACHCAR, FRANCISCO. **Lírica e Lugar-comum: Alguns Temas de Horácio e sua Presença em Português** / Francisco Achcar. São Paulo: Editora da Universidade De São Paulo, 1994.- (Ensaio de Cultura; vol. 4)

BRANDÃO, Junito de souza. **Teatro Grego: Tragédia e comédia**. 13 ed. Petrópolis, Vozes; 2022

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2014

FOWLLER, Don. Nos ombros de gigantes: intertextualidade e Estudos Clássicos. In **Sobre intertextualidade na Literatura Latina: textos fundamentais**. Orgs. Patrícia Prata e Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: UNIFESP, 2019, pp. 93-118.

PERUTELLI Alessandro **O espaço literário da Roma antiga** / Guglielmo Cavallo, Paolo Fedeli, Andrea Giardina ; tradução Daniel Peluci Carrara, Fernanda Messeder Moura. - Belo Horizonte : Tessitura. 2010

PLATÃO. **Diálogo/ Platão**; tradução Carlos Alberto Nunes. - III - IV Vols. Universidade Federal do Pará, biblioteca central, 1980.

PLATÃO. **A República**; tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. - 9 ed. Av. de Berma Lisboa, 2005 Serviços de educação e bolsas Calouste Gulbenkian

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes - 25. ed. Rio de Janeiro : Nova fronteira, 2015.